

## “Grama” e a representação de narrativas traumáticas no jornalismo em quadrinhos<sup>1</sup>

Agda Helena RIBEIRO<sup>2</sup>  
Leylianne Alves VIEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### RESUMO

Este trabalho apresenta os primeiros passos de uma pesquisa que explora como o jornalismo em quadrinhos pode ser utilizado para representar eventos traumáticos de forma humanizada, utilizando como objeto de análise a *graphic novel* "Grama", da autora sul-coreana Keum Suk Gendry-kim. Ao final da análise, concluímos que *Grama* produz uma narrativa impactante e, ao mesmo tempo, humanizada sobre a violência de guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; quadrinhos; representação; trauma; memória.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar como o jornalismo em quadrinhos pode ser um espaço para se abordar narrativas sobre eventos considerados traumáticos de forma humanizada, utilizando como principal objeto de análise a *graphic novel* *Grama* (2017), da quadrinista sul-coreana Keum Suk Gendry-kim.

A obra é um relato sobre o sofrimento enfrentado pelas vítimas do Exército Imperial Japonês conhecidas como “mulheres de conforto”. Também será explorado como o formato e suas características únicas formaram um âmbito jornalístico seguro para se discutir temáticas consideradas inabordáveis, como abusos sexuais e violências cometidas em ambientes de guerra.

### METODOLOGIA

O estudo parte de um levantamento bibliográfico sobre o jornalismo em quadrinhos e, particularmente, sobre a obra da autora sul-coreana, seguido pelo estudo de caso da *graphic novel* *Grama*. A escolha pela obra se deu em função de sua sensibilidade narrativa ao tratar um evento traumático e por utilizar abordagens próprias do jornalismo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Política e Cidadania, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: agdahelenaribeiro@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: leylianne.vieira@ufmt.br.



em quadrinhos, sendo, assim, um objeto de análise vasto para discorrer sobre como o formato jornalístico possibilita a construção de narrativas humanizadas sobre temáticas consideradas sensíveis.

Também foi levantado, brevemente, o contexto histórico do jornalismo em quadrinhos, com a finalidade de auxiliar a compreender sob quais caminhos esse tipo de jornalismo percorreu até desenvolver as características presentes na obra de Keum Suk Gendry-kim.

### **BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO JORNALISMO EM QUADRINHOS**

O jornalismo em quadrinhos é um tipo de jornalismo considerado recente, havendo até mesmo a discussão se quadrinhos são, de fato, válidos como produtos jornalísticos. Sendo assim, é pertinente ressaltar o momento da junção entre o jornalismo e os quadrinhos e a forma como isso criou caminho para uma nova forma de se contar histórias.

Apesar de já existir uma relação entre esses elementos anteriormente - “a relação entre jornalismo e quadrinhos sempre foi de proximidade, bastava ver as charges e tirinhas nos jornais diários e nos suplementos dominicais do início do século XX” (Ferreira; Steinbrenner, 2023, p. 131) -, o advento de obras específicas auxiliou a criação de uma abertura para se explorar essa forma de narrativa jornalisticamente.

Na década 1980, o quadrinista Art Spiegelman produziu *Maus: a história de um sobrevivente* (1986), um quadrinho relatando a experiência do pai do autor como sobrevivente do holocausto. Para retratar um evento tão traumático quanto esse, Art Spiegelman optou por representar as suas personagens como animais, sendo os judeus ratos e os alemães gatos.

Como é a reconstrução de uma memória, ou seja, algo que não se tem todos os indícios à disposição, o fato de ser uma história que se apoia em ilustrações para ser contada faz com que o autor não somente tenha liberdade criativa para escolher como irá visualmente mostrar o assunto como também poderá escolher a sua própria forma de contar os eventos, o que difere do jornalismo convencional. Ainda que *Maus* não seja considerada uma obra jornalística, ela abriu caminho para o jornalismo em quadrinhos.

Vinícius Pedreira Barbosa da Silva (2020, p. 85) aponta que

[...] histórias em quadrinhos são compostas de fragmentos – os quadros – colocados lado a lado, criando assim a ilusão de uma narrativa contínua. Muitas histórias jornalísticas são baseadas em indícios de fatos ou em alguns poucos episódios dos quais se tem confirmação dos acontecimentos até os mínimos detalhes – em geral, há sempre muitas lacunas para além das informações disponíveis. Usando a linguagem dos quadrinhos, esses fragmentos podem ser reunidos em uma narrativa única e fluida, sem a necessidade de ficcionalizar as passagens em que não existe clareza, pois essas passagens são deixadas entre os quadros para serem completadas pela interpretação do leitor.

Esse recurso também é um forte aliado quando se está retratando histórias traumáticas pois, por meio da ilustração, o autor pode recorrer a formas não expositivas (ou até mesmo expositivas, mas respeitosas) de mostrar os acontecimentos, assim como *Maus* fez ao decidir utilizar formas de animais ao invés de humanas para as suas personagens que foram vítimas de um genocídio.

Outros autores também participaram desse marco do jornalismo ao redor do mundo, como Keiji Nakazawa, em 1972, com o mangá *Gen Pés Descalços* – onde registra a tragédia ocorrida em Hiroshima e Nagasaki em 1945 com a explosão das bombas atômicas - e Joe Sacco, desde 1993, com os seus quadrinhos de relatos de guerra.

Através dessas narrativas, o jornalismo em quadrinhos progressivamente formou a sua consolidação. Apesar de, como citado anteriormente, ainda haver discussões sobre sua legitimidade, essas histórias tornaram possível tratar sobre assuntos sensíveis com uma abordagem diferente do jornalismo convencional, mais humanizada. É sob esse contexto que a autora Keum Suk Gendry-kim publica, em 2017, *Gramma*, que graças aos recursos do jornalismo em quadrinhos anteriormente citados, conseguiu abordar um tema brutal como a escravidão sexual e a colonização com seriedade e sensibilidade narrativa.

### **GRAMMA E A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA**

Na *graphic novel* é apresentada a história de Ok-sun Lee, uma idosa que durante a sua infância e adolescência foi uma “mulher de conforto”, ou seja, vítima de escravidão sexual pelo Exército Imperial Japonês durante a guerra entre China e Japão, em 1942. Para narrar a violência de forma fidedigna aos acontecimentos, Keum Suk Gendry-kim realizou uma série de decisões artísticas. Ela decide utilizar somente as cores branco e preto, também utilizando um traço “simplificado” para desenhar as personagens, em um estilo quase cartunesco.

Porém, em momentos que relatam os abusos sofridos pelas personagens e os sentimentos experienciados durante esses eventos, a autora emprega as cores de uma forma diferente: o preto e branco agora não são apenas linhas desenhadas para separar o que são pessoas e o que é cenário, mas sim cores usadas para preencher o espaço, carregá-lo, torná-lo opressor e desconfortável.

Um dos destaques dessa forma de ilustração é o capítulo sete, onde é abordada a primeira vez em que Ok-sun Lee é violentada. Para retratar algo tão devastador, a autora utiliza páginas inteiras com quadros pintados completamente em preto, sem expor visualmente o ocorrido, mas com as falas de Ok-sun Lee explicando o que estava acontecendo. Durante esse capítulo – que, assim como os outros, varia entre mostrar os eventos do passado e Ok-sun Lee mais velha sendo entrevistada pela autora -, a personagem é desenhada com um traço de um estilo realista.

A utilização desses recursos não somente respeita as vítimas ao não as expor, como simultaneamente também torna possível retratar a brutalidade do momento. Ao trazer páginas inteiras com todos os quadros preenchidos somente com a cor preta, há uma quebra do que o leitor estava acostumado a visualizar anteriormente. Com a adição da compreensão do tema que está sendo tratado, o leitor sente o impacto da narrativa, mesmo que não tenha “algo” sendo mostrado.

Outro artifício do quadrinho também é a utilização da natureza. Desde a escolha do título (nas palavras da autora, “mesmo derrubada pelo vento e pisoteada por muitos, a grama sempre se reergue”), às cenas da paisagem, a natureza é mostrada como parte da narrativa. Seja para mostrar o isolamento da protagonista ou para passar uma sensação de desolação nas falas que descrevem os abusos sofridos, a autora faz dela um artifício narrativo com o mesmo propósito dos outros recursos anteriormente comentados: encontrar o caminho mais humanizado e sensível possível para contar uma história cruelmente violenta.

## **ABORDAGEM JORNALÍSTICA E RESPEITO ÀS VÍTIMAS**

Para além dos aspectos ilustrativos, é necessário ressaltar que as escolhas artísticas e narrativas discutidas só foram possíveis devido à abordagem jornalística de Keum Suk Gendry-kim. Apesar de inicialmente ter dificuldades para encontrar uma abertura para

questionar Ok-sun Lee sobre o seu passado, a autora conseguiu ultrapassar esses empecilhos dando espaço para a entrevistada elaborar o que estivesse disposta a contar.

Durante todo o processo de entrevista, ela teve cuidado ao abordar os assuntos mais delicados, como na página 157 onde a autora reflete “será que estou fazendo a vovó [Ok-sun Ler] reviver o seu passado doloroso sob o pretexto de querer transformar a vida dela em uma história em quadrinhos?”. Ao questionar se não está apenas utilizando um trauma de alguém para proveito próprio, a autora levanta o questionamento ético dessa ação, demonstrando a sua preocupação em como abordar uma temática tão delicada quanto as experiências vividas por uma vítima de abuso.

Por ter consciência do tipo de conteúdo que estava fazendo a sua entrevistada expor, Keum Suk Gendry-kim teve a sensibilidade ao escolher as perguntas e as formas como elas seriam ditas, não interrompendo Ok-sun Lee em suas falas e não insistindo em tópicos em que ela não demonstrava estar aberta a elaborar. Um exemplo disso é na página 159, onde Ok-sun Lee expõem que não tem condições financeiras de visitar os seus netos e, no quadro seguinte, é mostrada Keum Suk Gendry-kim em silêncio, como se não soubesse o que dizer. Após isso, a autora muda o tópico da pergunta, por perceber que não seria conveniente insistir nesse tópico.

Ela utiliza essa abordagem durante toda a entrevista, o que também permitiu com que ela e Ok-sun Lee se conectassem, sendo mostrado, ao longo dos quadrinhos, momentos diversos onde as duas estão em conversas bem-humoradas sobre assuntos cotidianos, apesar do peso da temática central. Assim, a autora criou um elo com a entrevistada, realizando o que Cremilda Medina (1986, p. 7) denomina de diálogo possível:

Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. [...] Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU. Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão de mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível.

Ao realizar um diálogo, Keum Suk Gendry-kim conseguiu produzir um material jornalístico historicamente detalhado – pois conseguiu obter informações relevantes da entrevistada por meio de sua abordagem cuidadosa – e emocionalmente sensível, empregando o respeito necessário quando se lida com os tópicos abordados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das características únicas do jornalismo em quadrinhos, *Gramma* consegue produzir uma narrativa impactante e, ao mesmo tempo, atenciosa sobre vítimas de uma forma de violência de guerra especificamente cruel, o que só foi possível, do modo que foi feito, com o jornalismo em quadrinhos. Essa obra e outras citadas anteriormente demonstram como este é um âmbito próprio para o desenvolvimento de discussões sobre violência e construção de memória, além de fornecer um tipo de autonomia de decisões narrativas que dificilmente está disponível no jornalismo tradicional. Essa característica não somente fornece ao público uma forma inovadora de se contar histórias, como permite que histórias anteriormente esquecidas possam vir a público.

## REFERÊNCIAS

GENDRY-KIM, Keum Suk. *Gramma*. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020.

FERREIRA, Jessé; STEINBRENNER, Rosane. Jornalismo Em Quadrinhos: Da Palestina À Revista Badaró. *Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia*. Belém, v. 9, n°2, p.1-21, ago./dez., 2023. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/puca/article/view/2878/2480>

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: O Diálogo Possível*. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da; MOTA, Silva Célia Maria Ladeira. *Jornalismo em Quadrinhos: Contextos, Pesquisas e Práticas*. Santa Catarina: Insular, 2020.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.